

REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA NOS ANOS 1980: ESTRATÉGIA E TÁTICAS*

REVOLUTION IN LATIN AMERICA DURING THE 80S: STRATEGY AND TACTICS

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v15i2.56264>

Ruy Mauro Marini¹

[Tradução: Pietro Salles²]

[Revisão técnica: Rodrigo Castelo³]

Eu devo começar falando esta noite sobre o processo revolucionário da América Latina. Começarei afirmando que esse processo faz parte do processo revolucionário socialista mundial. O que me interessa basicamente esta noite é trazer à discussão a contribuição específica que o processo latino-americano está dando aos processos revolucionários socialistas mundiais.

Os meios da revolução, como sabemos, são basicamente dois: pelas reformas e pela força armada.

Quando falamos de reformas, ou seja, de reformismo em sentido estrito, estamos falando de mudanças graduais ou progressivas na sociedade capitalista. Essas reformas, por um lado, apontam o caminho para tal, por outro, asseguram a conquista do poder por parte das classes revolucionárias. Isso ocorre com rápidas mudanças até que a classe dominante seja deslocada pelos setores revolucionários que estão tomando seu lugar.

Para aqueles que defendem a via da reforma, a principal abordagem elementar é a abordagem parlamentar. Uma objeção que normalmente é levantada contra os reformistas é que, em certo ponto, as forças se unificam e, a partir de então, as classes revolucionárias ameaçam a própria existência da classe dominante. Esta classe responde com métodos que não são mais parlamentares. Esses meios podem ser fascistas, por exemplo. O uso de grupos populares de direita, ou podem levar a um golpe militar, ou o que é mais comum agora: uma combinação dos dois.

Por outro lado, os setores que são favoráveis ao caminho revolucionário propõem ganhar o poder para remover a classe dominante. Isso significa o uso da violência, um método central para essa abordagem em suas diferentes formas. A objeção a essa abordagem, além do custo óbvio para a vida causado pela violência, é que esse método envolve o risco de destruir as conquistas econômicas alcançadas no período anterior, como resultado de uma guerra civil. Mas também tem a possibilidade, e esta é a mais séria, de restringir o processo sociopolítico.

Uma vez que a situação violenta é criada, a necessidade de reprimir a contrarrevolução pode resultar em muitas desilusões por causa da necessidade de suprimir a liberdade política, não apenas dos contrarrevolucionários, mas também dos setores revolucionários. É sabido que um dos resultados normais de uma revolução militar vitoriosa é a perda de técnicos, profissionais, professores e assim por diante através da imigração.

Durante os últimos 20 anos, a esquerda na América Latina tem estado basicamente preocupada com a validade desses dois métodos de mudança social. A verdade é que, do meu ponto de vista, a diferenciação radical feita entre esses dois métodos é um erro. É um erro no sentido de que, se os separamos de maneira radical, perdemos de vista os elos que unem os dois métodos. Pode-se dizer que as relações entre reformas e revoluções são relações estabelecidas que tomam a revolução em direção à mudança social como um guia. Eu diria que existe agora uma relação entre esses dois métodos no sentido de que essas reformas, como eu as descrevi, permitem mudanças dentro da sociedade existente que implicam uma acumulação de poder por parte das forças revolucionárias. No entanto, isso não muda a situação da classe dominante na sociedade capitalista, e a classe trabalhadora, enquanto está se tornando a classe dominante, luta continuamente por reformas. Assim, essa classe pode obter reformas que melhorem sua situação em relação à sociedade como um todo; no entanto, eles não podem ir mais longe até que uma mudança qualitativa seja introduzida, e esta é a luta revolucionária. Isto é o que permitiu que a classe trabalhadora se tornasse a classe dominante, ou seja, para deslocar a antiga classe dominante, a burguesia.

Por outro lado, se nos referimos às relações depois que uma revolução foi alcançada (você entende que quando digo revolução, o que quero dizer é a mudança nas classes dominantes, de uma classe para outra como a dominante), a classe revolucionária inicia uma série de reformas dentro da sociedade. Ela não começa simplesmente destruindo essa sociedade, mas moldando e ajustando de acordo com seus interesses de classe. Nesse sentido, o fato de ter se tornado a nova classe dominante é o que nos permite apreciar o valor das reformas, que servirão à acumulação do poder necessário para consolidar a nova sociedade e a posição da classe trabalhadora nela.

A confusão entre essas duas situações pode resultar em erros trágicos, como ocorreu com Allende no Chile. Se nos lembrarmos da situação durante a Unidade Popular naquele país, num momento em que a conquista do poder ainda não estava completa, a coalizão da esquerda no governo colocou como sua principal e maior tarefa o que eles chamaram de "transição para o socialismo", isto é, a transformação da sociedade, mudar em um sentido socialista.

Esta relação entre reformas e revolução deve situar-se no sentido histórico. O capitalismo não é exclusivamente um sistema nacional, e a burguesia não mantém seu poder exclusivamente dentro de um quadro nacional. Isso não significa que as revoluções não possam ocorrer dentro de um contexto nacional, mas são realizadas contra um inimigo cuja base de poder transcende as fronteiras nacionais. Assim, enquanto o capitalismo for o sistema dominante, em escala mundial, parece-me que toda revolução nacional deve ser violenta. É por isso que não conhecemos nenhum caso concreto de uma revolução socialista pacífica. Outro elemento que torna necessário o uso da violência é o fato de que, apesar de derrotarmos o inimigo interna e nacionalmente, o inimigo ainda tem uma força superior de poder em uma esfera internacional, e a reação

continua a ser muito forte. Ele vai e pode usar uma ampla variedade de táticas, seja força militar, desestabilização, infiltração, ou uma combinação delas, etc.

Quando o setor revolucionário vence, ele precisa assegurar a sua capacidade de manutenção do poder não apenas política, mas também militarmente. Agora, esta situação inclui estratégias típicas deste momento particular no qual o capitalismo representa a contrarrevolução. A transição ou a deterioração do capitalismo para um sistema subordinado ou decadente no plano mundial apresentará uma situação bem diferente, que abrirá a possibilidade de situações revolucionárias pacíficas.

O que descrevi até agora poderia resultar em três consequências: em primeiro lugar, o papel da luta por reformas na situação atual continua a ser importante, mas assume uma posição secundária em relação à preparação para a revolução, entendida como a conquista violenta do poder. Em segundo lugar, a mudança dessa situação não depende da boa vontade de um lado ou do outro, nem do papel tático das forças revolucionárias nacionalistas: depende apenas de mudanças na situação histórica. Em terceiro lugar, há a adoção de uma abordagem gradual por parte do movimento revolucionário em alcançar o poder. Não se trata, pois, de princípios, mas de realismo, que deve ser vivido como parte de uma realidade histórica na qual se desenvolve esse movimento.

Condições atuais dos movimentos revolucionários

Agora, gostaria de passar desta introdução para uma consideração das condições em que, na situação atual, os movimentos revolucionários estão se desenvolvendo na América Latina.

O primeiro aspecto que gostaria de mencionar é o estado das relações de forças entre o capitalismo e o socialismo a nível internacional. Começemos por mencionar o fortalecimento do mundo socialista que, por um lado, alcançou um certo equilíbrio militar. Isso, até certo ponto, torna as coisas difíceis para o imperialismo funcionar de maneira unificada e coordenada, a fim de enfrentar os desafios locais a esse sistema. Por outro lado, esse fortalecimento do mundo socialista se expressa em uma expansão do sistema socialista mundial, por exemplo, a União Soviética, a Europa Oriental, a China, Cuba, Angola, etc.

Uma segunda característica dessa correlação de forças se deve à ascendência dos movimentos revolucionários na periferia do sistema capitalista. E o que é interessante examinar é como os movimentos nessas nações coloniais e dependentes seguiram uma certa trajetória desde as duas Guerras Mundiais. Assim, gostaria de distinguir três tipos de desenvolvimento nesses movimentos que constituem estágios importantes nesses processos de libertação. O primeiro, penso eu, é o processo de descolonização que começou após a Segunda Guerra Mundial, com os processos de libertação na Índia e no Egito durante os anos 1940 e 1950. O segundo seria o caso dos movimentos de libertação nacional, tomando a Argélia como exemplo especial, que ocorreram entre os anos 1950 e 1960. O terceiro e último grupo são os movimentos de libertação revolucionários internacionais, que foram revoluções socialistas, como no caso do Vietnã, no final dos anos 1950 e 1960.

Um terceiro elemento que temos que levar em conta quando falamos sobre essa correlação de forças em nível mundial é a crise capitalista global. Mas vamos fazer uma pausa sobre este aspecto em particular.

Notemos o grau e a extensão em que a teoria marxista foi desenvolvida para entender a crise. O que foi mais útil foi o desenvolvimento da teoria dos ciclos longos. Assim, tendo em mente que, além dos ciclos normais (ciclos empresariais ou comerciais de 5 ou 10 anos), o capitalismo está sujeito a movimentos cíclicos de longo alcance. Sua duração seria de mais de 50 anos, em que definimos um período de crescimento, de desenvolvimento, um período de crise e, em seguida, um período de conflito. Na medida em que estamos falando de uma teoria cíclica, essas formulações presentes (que foram bem desenvolvidas por Ernest Mandel, Samir Amin e outros) se originam nos trabalhos de vários economistas. No entanto, do meu ponto de vista, eles não foram capazes de provar, apesar de vários estudos empíricos, a existência desses ciclos mais longos. Lembrem-se de que quando falamos de ciclos dentro da teoria marxista, estamos falando de movimentos do capitalismo. Ou seja, estamos falando de forças que são intrínsecas ao desenvolvimento do capitalismo. Dentro disso, um papel importante é desempenhado pelo aumento da composição orgânica do capital, a tendência da taxa de lucro a cair e um grupo de variáveis que são imensuráveis. Nesse sentido, a crise deve ser previsível.

Quando olhamos para esses movimentos em maior escala, vemos que eles são o resultado de um grupo de fatores que são extrínsecos à própria reprodução do capitalismo. Por exemplo, eles podem ser o resultado da descoberta de grandes quantidades de recursos básicos, como o petróleo, ou podem ser o resultado da conquista de novas áreas, ou novas correlações dentro da luta de classes ou inovações tecnológicas. Ou seja, eventos que não são descritos ou estão intrinsecamente dentro do ciclo capitalista. No entanto, além desses movimentos de longo prazo, eles não podem ser caracterizados como ciclos, que sem dúvida existem, mas existem como períodos que implicam mudanças quantitativas no sistema capitalista. E esta é uma profunda objeção à teoria dos ciclos mais longos. Por exemplo, agora seria como viver a fase de um ciclo mais longo: isto é, uma fase recessiva do ciclo mais longo. O que esperamos é que o capitalismo entre em breve em uma nova fase, isto é, uma fase descendente ou decrescente dentro de alguns anos. Ou seja, neste momento seria como se a história estivesse se repetindo de uma maneira particular. Mas se olharmos para esses ciclos como períodos que implicam mudanças qualitativas, acredito que isso abrirá novas possibilidades para o futuro, e a questão é o que está mudando dentro do contexto da crise atual.

Período de mudanças no sistema capitalista

Então, se você considerar o período em que o capitalismo está mudando, no qual estamos agora, as mudanças do final do século XIX e início do século XX representaram uma mudança do capitalismo competitivo para o imperialismo, o deslocamento da Inglaterra como potência capitalista mundial pelos Estados Unidos e Alemanha e o efeito de duas Guerras Mundiais. Além disso, o período foi caracterizado pelo surgimento do socialismo, com a Revolução Russa. Da mesma forma, durante os anos 40 e 50, notamos

outra mudança, outro período importante, com o crescimento do capitalismo norte-americano, no nível multinacional, e o início do fortalecimento do mundo socialista, o qual já mencionei, além da expansão das revoluções socialistas. Então, por que não acreditar que as décadas dos anos 1970 e 1980 também serão marcadas por um período de mudança? Vamos considerar as características que essa mudança periódica pode assumir.

Minha hipótese é que estamos passando por um momento de mudança na correlação de forças entre o capitalismo e o socialismo, que abre a possibilidade de uma nova fase no desenvolvimento mundial, na qual o capitalismo terminará em uma posição inferior ou secundária, e isso representa uma importante mudança qualitativa. Dentro desse processo, ou mudança, haverá um papel importante a ser desempenhado pelos movimentos revolucionários na América Latina do ponto de vista mundial. E, a partir disso, devemos tirar certas conclusões.

Se entrarmos em uma fase na qual o capitalismo é colocado em uma posição inferior, a importância dos métodos graduais, isto é, métodos reformistas, ganhará peso em relação aos métodos revolucionários. Ou seja, o ambiente que eu já comentei como o fator-chave na situação atual. E por que isso? Porque no estágio atual não podemos pretender o desaparecimento ou a eliminação do imperialismo. Mas não há nada que nos impeça de afirmar que o imperialismo pode retornar à mesma posição, isto é, poderia voltar à mesma posição que tinha nos anos 1950 e 1960. É precisamente por acreditar que isso pode acontecer que Reagan parece ser tão profundamente reacionário, porque ele gostaria de voltar atrás em vez de seguir em frente.

Um imperialismo decadente, um imperialismo que não é mais dominante, teria que chegar a algum acordo, teria que encontrar alguma maneira de assimilar a ascendência dos movimentos revolucionários no mundo. Assim, pergunto-me se as políticas da social-democracia internacional e, em geral, da política europeia não são uma prevenção, uma antecipação daquilo que eventualmente veríamos como a situação normal para o imperialismo no seu conjunto dentro de alguns anos? Estou pensando na política europeia em relação à União Soviética e ao mundo socialista e na existência da política de distensão (*détente*), mais a crescente cooperação econômica que pode ser ilustrada em muitos acordos comerciais. Além disso, devemos ter em conta a atitude europeia em relação ao Terceiro Mundo. Estes são os fatores que demonstram a diferença entre a política europeia e a política dos EUA em relação à questão centro-americana.

Possibilidades para o socialismo hoje

O trecho acima descreve a situação mundial. Agora eu gostaria de colocar certos problemas e ver como eles estão sendo resolvidos. Em outras palavras, eu quero discutir o socialismo hoje.

Quando pensamos em economias socialistas, o principal fator que consideramos é o desenvolvimento das forças produtivas. Isto é o que distingue o socialismo moderno das antigas ideologias e teorias coletivistas; em outras palavras, o desenvolvimento das forças produtivas, isto é, o desenvolvimento econômico em geral. Uma das bases fundamentais para alcançar os principais objetivos do socialismo é

atender as necessidades, as principais necessidades ou as necessidades básicas do povo, mas outro elemento importante é garantir essa mudança na correlação de forças mundial, que já mencionei.

No entanto, esse desenvolvimento das forças produtivas ocorre dentro dos limites do mercado mundial, no qual o capitalismo é e continuará a ser importante, mesmo que esteja deslizando para o segundo plano na escala mundial. Isso significa que o processo socialista deve ser fundado em grande parte sobre a dinâmica do capitalismo, se estamos falando de comércio ou o movimento geral do capitalismo como tal, das realizações em tecnologia, etc. Fechar os olhos para isso significaria fazer alguns desvios ultraesquerdistas, o que provou ser muito perigoso. Temos o exemplo histórico, o fracasso da revolução cultural chinesa, e pior do que isso, o Kampuchea de Pol Pot. Por outro lado, abrir-se demais poderia levar a desvios de direita, dos quais o mais trágico é a Polônia.

Assim, podemos tirar várias conclusões. O socialismo deve prosseguir o seu desenvolvimento tendo em conta o capital e o desenvolvimento tecnológico dos países capitalistas. Lenin entendeu isso perfeitamente nos anos 20. Ele propôs a política de concessões que significava fazer uma concessão ao capital estrangeiro para o desenvolvimento de atividades internas dentro da União Soviética, sob certas normas estabelecidas pelo Estado soviético. E esta é a política que continua a ser aplicada no mundo socialista, como no caso que provocou tal escândalo há alguns anos, mas que deve se tornar bastante normal para o mundo socialista, isto é, o investimento da Fiat na União Soviética. Insisto em que, na medida em que o desenvolvimento das forças produtivas continua a ser um objetivo central do socialismo, esta política continuará a ser válida. Assim, não devemos nos surpreender se países como Cuba abrem suas portas ao capital estrangeiro.

No entanto, o exposto acima não é apenas uma questão de obter tecnologia capitalista, mas de alcançar os objetivos do socialismo, que não podem enfatizar demais a produção do consumismo. Isso seria típico de uma sociedade capitalista, como foi o caso da Polônia, onde essas medidas foram impostas sem qualquer restrição ou controle. Assim, seguir essa abordagem de cooperação com o capitalismo no nível econômico obriga os países socialistas a atribuir um valor maior do que o que tiveram aos valores éticos. Além disso, eles devem criar um sistema baseado no desenvolvimento político e ideológico de seu próprio povo, para que possam estar na condição certa para realmente se adaptar, para colocar em seu próprio uso o capital e a tecnologia que recebem.

Isso nos leva a um segundo ponto. Embora o aspecto econômico seja de extrema importância no desenvolvimento socialista, o problema político é o mais difícil. O socialismo propõe o desenvolvimento de um poder popular das massas, mas é também uma tentativa de substituir esse poder muitas vezes por um poder central.

A experiência pela qual estamos passando na América Latina nos mostra que, mais importante do que resolver certos problemas econômicos e independentemente de esses problemas serem resolvidos, o objetivo da revolução é assegurar, garantir esse desenvolvimento do poder das massas. Esse poder se expressa na ideia de que o poder popular é mais importante do que as nacionalizações e que o poder popular nem sempre vem necessariamente com a nacionalização. Isso resulta em vários tipos de revoluções que já triunfaram e que estão propondo não a coletivização global, ou a entrega ao Estado de todos os meios de

propriedade, mas a coexistência de diferentes tipos de propriedade durante a fase de transição. Esta foi uma contribuição do processo chileno durante o governo da Unidade Popular no nível econômico. Ou seja, a criação de três áreas na economia: a área do Estado, a área privada e a área mista. Mas, a mesma situação existe, por exemplo, na Nicarágua hoje. Também está presente nos planos salvadorenhos e guatemaltecos. Ao mesmo tempo, se alguém vai manter diferentes tipos de propriedades, isso significa também que certas classes não estão sendo eliminadas. Além disso, no plano político, significa a existência de regimes que são muito mais pluralistas do que os regimes revolucionários do passado, e com muito mais respeito com as minorias, as minorias de classe, mas também as minorias religiosas, sexuais, etc.

O que garantiria que as características revolucionárias de uma classe revolucionária continuassem? Seria uma proposta desse tipo, que já faz parte do processo nesse enorme desenvolvimento, que já faz parte do plano revolucionário e que está usando dentro do processo revolucionário elementos como reformas graduais. Isso foi assegurado ou garantido por uma democracia revolucionária das massas. Estas são talvez as principais diferenças entre as revoluções latino-americanas e os modelos sociais europeus que sempre enfatizam o pluralismo, enquanto os revolucionários latino-americanos enfatizam essa democracia revolucionária das massas. É isso que garante o pluralismo.

Quais são os resultados dessa democracia revolucionária das massas? Eu diria basicamente três elementos do socialismo*. Em primeiro lugar, o fato de que as forças revolucionárias podem manter o poder do Estado. Para fazer isso, eles controlam o que é básico para o aparelho de Estado, a capacidade de poder. Para possuir esse poder do mesmo, é necessário que eles controlem diretamente a capacidade coercitiva do Estado. Portanto, as Forças Armadas e as Forças de Segurança devem ser revolucionárias. Um segundo elemento é que, assegurado este Estado revolucionário, ele desenvolve plenamente os órgãos do poder popular. Esta foi outra contribuição importante do processo chileno, que, no entanto, nunca foi totalmente desenvolvida no Chile, precisamente porque eles não foram garantidos ou protegidos pelas forças coercitivas do Estado. Portanto, eles não foram apenas controlados e contidos dentro da Unidade Popular, mas também destruídos quando as Forças Armadas atacaram. Finalmente, um terceiro elemento dessa democracia revolucionária das massas é que as diferentes forças políticas sociais estão integradas em uma frente política nacional na qual as outras classes, incluindo a classe dominante anterior, participam. Neste conjunto de alianças se desenvolve a Frente de Libertação Nacional. Hoje, isso se expressa, em geral, na participação das forças democráticas socialistas, isto é, da social-democracia internacional dentro dessas frentes amplas. Amanhã, poderemos pensar em uma gama mais ampla de participação nesses países.

Alianças de poder e de classe

Gostaria de salientar que algumas consequências e problemas também derivam deste esquema. Uma consequência clara quando se tenta assumir diretamente o poder do Estado é que não há outra maneira de fazê-lo, nas atuais circunstâncias históricas, do que conquistar esse Estado, e conquistá-lo precisamente pela força das armas. Isso significa revolução e luta armada. Assim, a revolução se torna a questão central na luta revolucionária na América Latina.

Por outro lado, as relações entre as forças revolucionárias e as outras forças assumiram uma nova estrutura na América Latina. Por exemplo, devemos lembrar que durante a Revolução Soviética o poder permaneceu concentrado exclusivamente no Partido Comunista Russo. As tentativas feitas para criar uma aliança com uma parte do Partido Socialista Revolucionário acabaram na absorção desse pequeno grupo pelo Partido Comunista. Esta é uma característica do processo russo. Mais tarde, isso foi apresentado pelo stalinismo como a característica geral dos processos revolucionários; portanto, impondo a tese de um partido único que não foi desenvolvido nem por Marx, nem por Engels, mas que, no entanto, foi imposto historicamente por um longo período de tempo.

O caso da Revolução Cubana foi um processo diferente. Aqui tínhamos duas grandes forças revolucionárias; as duas principais forças da esquerda: o Movimento 26 de Julho e o que era então o Partido Comunista, isto é, o Partido Socialista Popular. Ambos os partidos políticos foram fundidos em um único partido após a revolução, que foi aceito pelo movimento revolucionário, mas não incluiu a participação de outras forças. No entanto, é diferente do processo soviético. Um único partido não liderou a revolução; o partido único foi o resultado da fusão dos dois partidos que lideraram. Mas observemos agora outras situações revolucionárias.

No caso da Nicarágua, El Salvador e Guatemala encontramos dois níveis de convergência social. Há a unidade dos revolucionários e há a unidade da Frente Democrática com outras forças.

No caso da Nicarágua, essa unidade revolucionária foi proposta dentro do mesmo movimento, a Frente Sandinista, que na época estava dividida em três tendências. Isso foi o que tornou possível reunir a Frente Sandinista de Libertação Nacional mais tarde.

No caso de El Salvador e Guatemala, o processo de unificação da esquerda é o resultado de diferentes organizações, organizações com origens bastante diferentes. Essas organizações saíam da chamada linha revolucionária; algumas têm origem marxista, outras são basicamente cristãs, e há o Partido Comunista. Estas são apenas algumas das grandes organizações que compõem a Frente Nacional. Em outras palavras, essas frentes são muito mais amplas. No entanto, quando falamos da frente mais ampla, devemos perceber que ela é semelhante a aspectos do stalinismo, mas sempre foi aplicada de maneira irrealista e sempre buscou a hegemonia do Partido Comunista sobre todas as outras forças que participaram da Frente. As democracias populares da Europa Oriental são de fato regimes de partido único, embora se apresentem como regimes de frente ampla. O caso polonês é típico. A Frente Nacional Polonesa reuniu o Partido Comunista como tal, o Partido Socialista e o Partido Camponês. No entanto, os comunistas se tornaram o grupo hegemônico dentro dessa Frente.

Vejamos o único país em que houve um processo revolucionário recente e completo que envolve essas novas tendências que mencionei: a Nicarágua. Aqui notamos que a unidade da esquerda foi verificada no caso das forças sandinistas. Ao mesmo tempo, temos o fato de que uma Frente Nacional Ampla foi formada, e isso evoluiu para um regime multipartidário após a derrubada da ditadura de Somoza. Essa Frente Nacional Ampla não era como as Frentes Populares de épocas anteriores, ou seja, não era apenas uma forma de impor a hegemonia de um grupo sobre todos os que a compunham. E como você sabe muito bem, a

situação em El Salvador está evoluindo na mesma linha, dada a diversidade real que encontramos dentro da Frente Revolucionária Democrática. O mesmo se pode dizer do caso da Guatemala.

Então, eu penso que na América Latina estamos passando por um processo revolucionário que, embora tendendo para o socialismo, e enquanto ele é parte das revoluções socialistas do mundo, tem uma série de características peculiares que criam algo como uma nova alternativa para as formas anteriores de socialismo. Ou seja, uma alternativa muito mais democrática, na qual a participação dos setores democráticos é garantida de forma muito mais plena nesta nova sociedade. O fato de essas sociedades serem chamadas democráticas as aproxima muito mais do socialismo, isto é, do socialismo pelo qual as forças socialistas sempre lutaram e do que os regimes socialistas alcançaram até agora. Isso efetivou com sucesso os únicos aspectos da revolução socialista, quais sejam, o desenvolvimento das forças produtivas e a atenção às necessidades básicas das massas. Mas, desenvolvendo em grau muito menor a outra linha, observemos a dimensão adicional do socialismo, a saber, a democracia popular.

O problema das democracias populares já foi colocado por marxistas clássicos como Lenin: ele entendeu que o socialismo era o que tornava possível o desenvolvimento das capacidades produtivas que dependem basicamente dele (o socialismo). Isto foi expresso pelos soviets, conselhos populares, de operários e de soldados.

Eu diria que, pelas razões que mencionei, a situação internacional mudou, independentemente da maneira como as antigas revoluções socialistas foram feitas e dos problemas que experimentaram para alcançar o que são hoje. Estão se abrindo novas possibilidades que nos permitirão, se ainda não o fizeram, desenvolver na América Latina um socialismo muito melhor do que jamais conhecemos.

Debate

Pergunta: Considerando os mais recentes avanços na tecnologia, isto é, nos países capitalistas mais desenvolvidos, que efeito isso teria dentro desses próprios países, pensando, por exemplo, em termos do grande capital financeiro?

Resposta: Acredito que o maior potencial de desenvolvimento tecnológico que encontramos nos países mais avançados, especialmente nos Estados Unidos e no Japão, está dentro de suas sociedades. Nesses países, há situações que os colocam em situações irracionais do ponto de vista histórico. O desenvolvimento das organizações e o uso em larga escala de robôs resultam em situações que eles acham bastante difíceis de resolver dentro dos limites temporários do capitalismo como ele existe agora. As razões são duplas. Por um lado, aumenta de maneira impressionante a capacidade produtiva em relação aos mercados que, até certo ponto, poderíamos chamar de saturados, por exemplo, a indústria automobilística. Este é um exemplo em que houve uma revolução tecnológica sem precedentes nos Estados Unidos e no Japão. A General Motors, que desde 1980 teve algo como 12 robôs, terá 250 robôs até o final da década, o que é uma capacidade produtiva impressionante.

Vindo do México, onde há mais de 12 milhões de carros circulando, podemos ver todos os tipos de máquinas funcionando. Há buracos por todas as ruas e o resto está cheio de filas de carros. Eles estão

destruindo a cara da cidade, tentando abrir estradas para esses carros em detrimento de casas, parques e jardins. E assim, a cidade continua saturada.

O que pode ser feito com esse mercado? É possível continuar aumentando a capacidade da indústria, que já provou sua irracionalidade precisamente porque se baseia na ideia de transporte pessoal ou individual. No caso dos 12 milhões* de automóveis que estão sendo usados no México hoje, 90% dos veículos transportam 20% da população, o que é completamente irracional. E, no entanto, é nessa linha que a indústria automobilística continua a planejar seu desenvolvimento. Este é um aspecto do problema. O outro aspecto é que os investimentos não são feitos apenas porque a indústria quer ser competitiva: ela quer ser produtiva para obter lucros. Portanto, esses investimentos são direcionados para aumentar de maneira significativa sua produtividade.

Outro elemento pode ser adicionado. Apesar do aumento significativo da produtividade, por exemplo, a General Motors em 1990 empregará apenas 2/3 de sua força de trabalho atual. Consequentemente, eles não apenas se livrarão de um grande número de trabalhadores, mas também eliminarão um número considerável de empregos. Uma questão lógica, então, é: o que vai acontecer com as muitas pessoas que terão que começar a procurar emprego?

Quando olhamos para as taxas de desemprego nos países capitalistas desenvolvidos desde o final dos anos 60, isso é tão verdadeiro para os países capitalistas avançados quanto para os dependentes. Observamos que os economistas tradicionais sustentavam que havia um certo desemprego estrutural, isto é, uma margem natural e desejável de desemprego de 4% dentro da economia. Este número foi completamente substituído. O desemprego nos EUA está há duas décadas bem acima de 4%. Uma vez observado isso, considera-se útil analisar os países dependentes.

Os países capitalistas dependentes apresentam o mesmo fenômeno observado nos países avançados, mas nos primeiros essa condição é exacerbada. O caso do Chile é significativo para ilustrar essa situação. Após o golpe de Estado e após importantes mudanças na estrutura da economia, o Chile entrou em um importante período de crescimento até meados de 1981, quando a crise internacional o afetou. Durante este processo de crescimento, que atingiu 8 ou 9 por cento ao ano, a taxa de desemprego oficial (que é sempre inferior ao desemprego real) oscilou entre 12 e 15 por cento. Este número foi muito maior do que as taxas históricas de desemprego e aquelas antes do golpe militar. Este último mostra que, mesmo durante um período de crescimento econômico, em ambos os países capitalistas avançados ou dependentes, o desemprego permaneceu.

Estas são, creio eu, algumas das condições que devem ser consideradas quando se pensa nas mudanças tecnológicas que estão ocorrendo nos países capitalistas. Não vejo a ligação direta com o capital financeiro, exceto na medida em que falamos de um aumento da capacidade produtiva em relação a mercados relativamente saturados que não podem deixar de exacerbar os efeitos da concorrência.

Pergunta: Gostaria de fazer a seguinte pergunta ao professor Marini. Você está dizendo que o futuro do socialismo latino-americano é mais humano ou mais democrático do que o dos países socialistas estabelecidos. Mas eu gostaria que você comentasse sobre o fato de que os países socialistas atuais ou novos

e os emergentes podem contar com a assistência econômica e militar desses países socialistas estabelecidos. No entanto, quando, por exemplo, a União Soviética emergiu como um país socialista, certamente teve que contar apenas consigo mesma e, de fato, estava cercada pelo mundo inteiro para destruí-la. Consequentemente, eles tiveram que concentrar seu desenvolvimento econômico, talvez ao preço da social-democracia.

Resposta: Eu não poderia concordar mais com você. O fato de que as revoluções socialistas ocorreram em países como a União Soviética foi um fator chave na criação de melhores condições para o socialismo. Isso faz mais sentido se você notar os fatores importantes que caracterizam a mudança em um período histórico. Eu primeiro apontei que havia um fortalecimento no mundo socialista. Assim, tenho em mente esses momentos históricos e, desde então, notamos, por exemplo, o da União Soviética e da Europa Oriental, o país com o mais alto nível de desenvolvimento é a Alemanha Oriental. Por quê? Por que a Alemanha Oriental não tem que arcar com o custo da guerra por causa da União Soviética. Isso garante a estabilidade da economia da Alemanha Oriental e dos países da Europa Oriental.

Hoje não teríamos na América Latina uma revolução socialista como a revolução cubana solidamente em vigor se não fosse pelo enorme apoio da União Soviética.

Pergunta: Você nos deu uma ideia da evolução da estratégia revolucionária na América Latina nos últimos 20 anos, ou seja, desde a revolução cubana. Agora, você acha que o outro lado, principalmente os Estados Unidos, também desenvolveu medidas para neutralizar esse processo revolucionário nesse continente?

Resposta: Os Estados Unidos testaram uma variedade de métodos na América Latina. Eles montaram uma estratégia chamada de contrainsurgência, que basicamente prevê ajuda militar aos regimes existentes, regimes contrarrevolucionários, mudanças de governo; na verdade, são todas técnicas para derrubar governos. Não há dúvida de que, no caso do Chile, houve um grande desenvolvimento dessas técnicas com a chamada "desestabilização" planejada pela CIA. Além disso, essa técnica já havia sido testada em alguns outros países, mas não havia alcançado os mesmos resultados que no Chile. Em outras palavras, não há dúvida de que os Estados Unidos têm aperfeiçoado sua capacidade de força. O problema com os Estados Unidos é que a questão da revolução e da contrarrevolução não é resolvida apenas no nível técnico. Nesse sentido, o que teria sido a resposta mais completa ao movimento revolucionário, e que foi o máximo em contrainsurgência e a implementação de regimes repressivos na América Latina, tem colaborado para o lado dos revolucionários. Ou seja, o resultado tem sido novos desenvolvimentos com a capacidade criativa das massas para liderar e guiar a revolução popular. Além disso, a capacidade de tirar maiores vantagens das contradições nacionais. Assim, todo o jogo da contrarrevolução mudou hoje. Começou no início dos anos 60 com o triunfo da revolução cubana e no final dos anos 70 uma nova fase começou com a ascensão dos movimentos revolucionários na América Latina: Nicarágua, El Salvador, Guatemala, demonstram isso.

Notas

* Publicado originalmente em *Social movement, social change: the re-making of Latin America*. GILBERT, Jorge (ed.). Toronto: Two Thirds Editions, 1982. p. 91-110, sob o título *Revolution in Latin America during the 80's: strategy and tactics*. O texto em inglês está disponível em: <https://marini-escritos.unam.mx/wp-content/uploads/2022/01/7-Revolution-in-Latin-America-during-the-80s-Strategy-and-Tactics-31-de-marzo-de-1982.pdf>.

¹ Cientista social brasileiro que atuou boa parte de sua profissão no exterior por conta de perseguição política no seu país natal. Marini é um dos responsáveis pela formulação da Teoria Marxista da Dependência, sobre a qual deu diversos cursos, seminários, palestras e possui uma significativa quantidade de escritos. Dentre os seus livros, destacam-se: *Dialética da dependência* (1973), *O reformismo e a contrarrevolução: estudos sobre o Chile* (1976) e *América Latina: dependência e integração* (1992). Exilado da ditadura empresarial-militar brasileira, vai para o México em 1965. Em 1971, vai para o Chile até o golpe militar contra o governo de Salvador Allende em 1973, onde retorna para o México e leciona, em 1974, na Universidade Nacional Autónoma do México (Unam). Após a Anistia, volta para o Brasil em definitivo apenas em 1985, quando começa a lecionar para a Fundação Escola de Serviço Público do Estado do Rio de Janeiro (Fesp-RJ) e, depois, é reintegrado à Universidade de Brasília (UnB), onde tinha sido docente na década de 1960. Aos 65 anos, em 1997, morre no Rio de Janeiro.

² Graduado em História. Graduando em Serviço Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7135962126526144>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1558-7487>. E-mail: pietro_salles@hotmail.com.

³ Doutor em Serviço Social. Professor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9080597950497381>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8927-1055>. E-mail: rodrigo.castelo@unirio.br.

* No original, está a palavra capitalismo, o que aparenta ser um erro de transcrição. Por isso alteramos para socialismo, que nos parece o correto. (N.T.)

* No texto original, fala-se em 1.4 bilhão de automóveis, uma quantidade fora da realidade. Como no parágrafo anterior a transcrição aponta a cifra de 12 milhões, decidimos repeti-la. (N.T.)

Recebido em: 1º de set. 2023

Aprovado em: 03 de set. 2023